

A natureza humana entre a necessidade e a liberdade

Human nature between necessity and freedom

Miriam Campolina Diniz Peixoto¹
miriam7l@terra.com.br

RESUMO: O fragmento DK 68 B 33, atribuído a Demócrito de Abdera, diz: "Natureza e educação são quase semelhantes (*he physis kai hê didachê paraplêsion esti*). Pois, com efeito, a educação transforma o homem (*he didachê metarhysmoi tôn anthrôpon*), e essa transformação produz natureza (*metarhysmou de physiopoiei*).” A imagem que nos oferece o filósofo acerca da educação como atividade produtora da natureza faz eco à sua concepção de um mundo regido, ao mesmo tempo, pela necessidade e pela liberdade. Necessários são os átomos e o vazio, o movimento dos átomos no vazio ou nos compostos atômicos. A subsistência do vazio nos corpos compostos explica o resíduo de indeterminação que minimiza o determinismo atomista. No *makrokosmos* assim como nos *mikrokosmoi* a mesma estrutura e os mesmos processos se repetem. Um universo em permanente reordenação (*palin diakosmêsis*). O ser humano não escapa a essa regra: as figuras atômicas que configuram sua alma lhe conferem uma ainda maior predisposição à transformação. Neste artigo examinamos alguns testemunhos e fragmentos recolhidos por H. Diels em seu *Die Fragmente der Vorsokratiker* que nos possibilitam compreender de que modo Demócrito concebia a natureza humana face à liberdade e à necessidade.

Palavras-chave: Demócrito, natureza humana, liberdade, necessidade.

ABSTRACT: Fragment DK 68 B 33, ascribed to Democritus of Abdera, states, "Nature and education are almost similar (*he physis kai he didache paraplesion esti*). For in fact education transforms human being (*he didache metarhysmoi ton anthropon*), and this transformation produces nature (*metarhysmou de physiopoiei*).” The image of education as an activity that produces nature offered by the philosopher echoes his view of a world ruled at the same time by necessity and freedom. Necessary are the atoms and the void, the atoms' movement in the void or the atomic compounds. The subsistence of the void in the compound bodies explains the residue of indetermination that minimizes atomistic determinism. The same structure and the same processes are repeated in the *makrokosmos* and the *mikrokosmoi*. This is a universe in permanent rearrangement (*palin diakosmesis*). Human beings are under the same rule: the atomic figures that configure their souls give them an even greater propensity toward transformation. In this article we examine some testimonies and fragments

¹ Professora da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

gathered by H. Diels in his book, *Die Fragmente der Vorsokratiker* that enable us to understand how Democritus saw human nature vis-à-vis freedom and necessity.

Key words: Democritus, human nature, freedom, necessity.

A filosofia do antigo atomismo grego se caracteriza pela sua concepção de um mundo regido pela necessidade. É necessário, entretanto, nuançar a clivagem tradicional que opõe, na história da filosofia, as noções de necessidade e liberdade, e desemboca num mecanicismo cego e hermético a toda consideração de liberdade no terreno da existência humana. Liberdade certamente mitigada, mas não cega necessidade.

Como observa P.-M. Morel, “o que faz ao mesmo tempo a unidade e a complexidade do atomismo greco-romano é, precisamente, sua contribuição para a história do conceito de necessidade” (Morel, 2000, p. 5). Resta precisar, no entanto, o seu estatuto na filosofia democritiana se quisermos compreender como é possível, num mundo regido pela necessidade e determinado estruturalmente por átomos e vazios – elementos que constituem sua natureza íntima –, a existência de um espaço, no qual se desenrolam eventos que escapem a um determinismo cego, previsível, que tornaria inconcebível a idéia de autonomia e liberdade no âmbito da vida humana.

O esforço que caracterizou as investigações dos primeiros filósofos manifesta uma vontade comum: a unificação e a racionalização da natureza. Ao conduzir a diversidade dos fenômenos físicos à unidade de um mesmo princípio, seja ele uno ou múltiplo, distinguindo ou não um componente ativo e um passivo, eles unificaram a ordem natural e eterna do mundo. Em outras palavras, mais do que uma precisão acerca do processo de engendramento do novo, o que lhes interessava era compreender a ordem subjacente ao mundo, sua subsistência em meio à mudança incessante, a unidade que nele abarca a multiplicidade, a identidade que se manifesta em sua rica e complexa diferenciação e se apresenta como um jogo de alteridades.

O movimento de racionalização do mundo empreendido pelos primeiros filósofos não levou a uma cristalização do mundo. Ao ser apreendido pelo conceito no discurso, esse não o enclausurou e imobilizou pondo fim ao seu incessante devir, não suprimiu a diferença em favor de uma identidade homogênea nem dissolveu sua multiplicidade em prol de uma absoluta e inabalável unidade.

A grande novidade, ao nosso ver, reside em sua pretensão de descrever o mundo sem destituí-lo, nas malhas do discurso, do dinamismo que lhe é próprio. Aqui se encontra o grande desafio: pensar o um sem abrir mão do múltiplo, ver na identidade a expressão da diferença e na mudança a permanência, reconhecendo que a natureza, como pensava Heráclito, “transmutando repousa”.

É nesta mesma ótica que devemos considerar a noção de necessidade e sua relação com a liberdade. O termo necessidade é recorrente nos primeiros testemunhos e fragmentos que nos chegaram do primeiro século da história da filosofia. Três sentidos principais podem ser aí identificados: a necessidade 1) como princípio lógico, 2) como princípio cosmológico e 3) como destino. O primeiro sentido é aquele que encontramos entre os Eleatas. Parmênides estabelece em seu poema a incompatibilidade radical do ser e do não-ser em sua exclusão recíproca: “Isto é necessário dizer e pensar: o ser é, pois é impossível que não seja, e não é possível que ‘seja’ o que nada é” (DK 28 B 2)².

² Todas as referências aos testemunhos e fragmentos dos filósofos pré-socráticos serão feitas a partir da edição de H. Diels, revista e ampliada por W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Griechisch und Deutsch, na 6ª edição, de 1952. Estes serão indicados no corpo do texto, entre parênteses, pelas iniciais “DK”, Diels & Kranz, seguida do número indicativo de cada filósofo, da letra equivalente ao estatuto da passagem recolhida, testemunho ou fragmento, e do número indicativo de sua posição no *corpus* de um dado filósofo.

Também para os pitagóricos a necessidade é concebida como princípio lógico. Filolau recorre a ela para afirmar que o mundo se constitui de limitantes e de ilimitados: “Necessariamente, os seres são, na sua totalidade, seja limitantes, seja ilimitados” (DK 44 B 2). Entretanto, em Filolau, a necessidade não figura apenas como princípio lógico. Ela se apresenta ainda como princípio cosmológico. Como atesta Diógenes Laércio, “ele pensa que tudo é engendrado pela necessidade e pela harmonia” (DK 44 A 1).

Heráclito, por sua vez, associa à necessidade cosmológica a necessidade pensada como destino, implicitamente associada ao *logos*. A esse propósito discorre Aécio: “Heráclito dizia que todas as coisas se produzem segundo o destino (*heimarmenê*), que é a mesma coisa que a necessidade (*ananké*)” (DK 22 A 8).

Também em Parmênides, a Justiça (*Diké*), a Necessidade (*Ananké*) e o Destino (*Moirá*) exprimem um mesmo decreto, aquele que determina ao ser sua imobilidade e sua incorruptibilidade (DK 28 B 8, v. 14, 30 e 37).

Com Demócrito, no entanto, tem lugar uma redução do conceito de necessidade: ela é o único princípio cosmológico e, mesmo preservando sua dimensão lógica, abandona todo caráter fatal ou divino. Demócrito não nega a existência dos deuses, mas ele se recusa a atribuir-lhes responsabilidade nos acontecimentos físicos.

A necessidade não pode ser identificada a uma lei primária que impõe à gênese do mundo uma ordem unificante. Ela é tanto princípio de ordem quanto de desordem. Como testemunha Simplicio em seu comentário ao *Tratado do céu* de Aristóteles, os compostos de átomos se dispersam novamente no vazio quando uma “necessidade mais forte provém do exterior” (DK 68 A 37). Como notou P.-M. Morel, “a necessidade não é aqui nada mais que uma correlação de forças mecânica, entre a resistência interna de um composto e a pressão do meio que o rodeia” (Morel, 2000, p. 14).

O movimento dos átomos é, pois, presidido pela necessidade, o que faz com que tanto o nascimento (agregação de átomos) quanto a morte (dispersão dos átomos) sejam seu efeito. Mas o que na necessidade lhe confere tal eficácia? Demócrito começa por liberar a necessidade de suas conotações tradicionais, alargando-lhe o campo de abrangência. Ela será associada (1) a um princípio de causalidade, (2) ao mecanismo dos movimentos atômicos e (3) ao turbilhão (*diné*) cosmogônico.

Tomemos, como ponto de partida para o exame do problema, o testemunho de Simplicio em seu comentário à *Física* de Aristóteles:

Demócrito de Abdera colocava como princípios o pleno e o vazio, que ele chamava, a um, ser, ao outro, não-ser. “Os abderitas” supunham, com efeito, que os átomos são a matéria dos seres e que as outras coisas nascem de suas diferenças. Elas são em número de três: *rhysmos*, arranjo e disposição, o que significa a mesma coisa que figura, ordem e posição. Por natureza, com efeito, o semelhante é movido pelo semelhante e os seres de mesmo gênero se remetem uns aos outros e cada figura que se encontra ordenada de uma outra maneira produz uma outra disposição; de modo que eles pretendiam, de maneira racional (*eulogós*), sendo os princípios ilimitados, dar conta de todos os acidentes e de todas as substâncias, por que causa e como são engendrados. Eis por que eles dizem que é unicamente para aqueles que sustentam serem os elementos ilimitados que tudo se produz conforme a razão (*kata logon*). Dizem, igualmente, que o número das figuras que se encontram nos átomos é ilimitado porque nada é mais isto do que aquilo. Tal é, com efeito, a causa que eles fornecem do ilimitado (DK 68 A 38).

Não seria possível, se os princípios não fossem eles mesmos ilimitados, compreender o número ilimitado dos corpos compostos e de suas aparências, a infinidade de mundos e de associações atômicas. Assim sendo, dizem os atomistas que são ilimitados os átomos, mas também o é o vazio, o que torna ainda mais permeável o terreno das determinações. O vazio, por exemplo, sendo ilimitado, e subsistindo

do nos corpos compostos, deixa sempre livre um intervalo que possibilita aos átomos, em sua incessante evolução, a mudança de posição e ordem e, por conseguinte, a configuração de um dado aglomerado atômico.

São igualmente ilimitadas as diferenças entre os átomos. Na *Metafísica*, Aristóteles explica as diferenças que desempenham um papel fundamental na diferenciação qualitativa observável nos corpos compostos:

Ora estas diferenças são, segundo eles [os Atomistas], em número de três: a figura, a ordem e a posição (*schéma, táxis e thesis*). As diferenças do ser, eles dizem, não vêm senão do *rhysmos*, do arranjo e da disposição (*rhysmos, diathigé e tropé*). Ora, o *rhysmos* é a figura, o arranjo é a ordem e a disposição é a posição (*Metaph.*, A' IV, 985 b 14-17).

De fato, estas três diferenças poderiam ser reduzidas a dois tipos: uma diferença intrínseca, o *rhysmos*, que diz respeito à diferença entre um átomo e outro, individualmente considerados, e uma diferença extrínseca, dada pela ordem e pela posição que ocupam nos compostos, o que supõe que os átomos estejam em relação uns com os outros. É, pois, no *rhysmos* que parecem residir, juntamente com o vazio presente desde sempre no universo e subsistente nos corpos compostos, as peças-chave para compreender o caráter da necessidade democritiana e o lugar que esta deixa a uma indeterminação e, conseqüentemente, a uma relativa liberdade.

A noção de *rhysmos* parece ter ocupado um espaço importante na filosofia de Demócrito, a julgar pelos títulos dos tratados que lhe foram atribuídos no Catálogo de Trasiló citado por Diógenes Laércio: *Sobre os diferentes rhysmoi* (*Peri tôn diapherôn tôn rhysmôn*) e *Sobre os rhysmoi e a harmonia* (*Peri rhythmôn kai harmoniês*). O termo se reveste de uma importância capital quando constatamos seu emprego múltiplo, mas uniforme, tanto no contexto da física quanto naquele das reflexões éticas. Examinadas as ocorrências do termo nos testemunhos e fragmentos em que figura, podemos concluir que ele diz respeito não tanto à forma ou figura fixa, estática dos átomos, mas antes à forma que tomam ou descrevem em suas efêmeras conjunções ou ao se moverem no vazio. O *rhysmos* poderia ser melhor definido como o movimento de um átomo em razão de sua figura, e não simplesmente sua forma estática e acabada, uma vez que se fala de "alternância de *rhysmoi*" e sabemos serem os átomos imutáveis em si mesmos.

Em seu tratado *Sobre a geração e a corrupção*, Aristóteles escreve a propósito de Leucipo e Demócrito:

[...] imaginando as figuras (*poiésantes ta schémata*) dos átomos, explicam [Leucipo e Demócrito], por meio dessas figuras, a alteração e a geração (*tên alloiôsin kai tên genesin ek toutôn poioussi*), a saber por sua dissociação e associação a geração e a destruição, por sua ordem e sua orientação a alteração. Mas como eles acreditavam que a verdade estava situada nas aparências, e como as aparências são contrárias e infinitamente variadas, eles imaginaram os átomos e seus *rhysmoi* em número infinito (*ta schémata apeira epoiêsan*). Graças a essa hipótese, as mudanças em um objeto composto de átomos (*tais metabolaís tou synkeimenou to auto*) podem ter por efeito que o mesmo objeto apareça inteiramente mudado (*metakinêthentos*) se uma única parte muda de lugar; com as mesmas letras, com efeito, podemos compor uma tragédia e uma comédia (I, 315 b 6-15).

Demócrito tem seu interesse voltado para a estrutura dinâmica e equilibrada do real. A "forma dinâmica" (*rhysmos*) ou o movimento (*kinêsis*) dos átomos permitem uma melhor compreensão da natureza do cosmo. O universo é um *automaton*. Enquanto conjunto originalmente desordenado de átomos infinitos dispersos em um vazio igualmente infinito, eles estão espontaneamente envolvidos num processo cosmogônico que não conhece nem começo nem fim. E é nesse processo que encontra o homem sua

origem. Agregado atômico também ele, sua natureza traz, em escala reduzida, a mesma complexidade encontrada no universo. Existe uma homologia profunda entre o homem e o cosmo e, por conseguinte, entre a antropologia e a cosmologia democritianas.

O Catálogo de Trasiló menciona, logo após o livro consagrado à *physis* (*Peri physeôs proton*) um tratado *Sobre a natureza humana* (*Peri anthrôpou physios*). Na seqüência, temos dois outros títulos bastante reveladores do esquema mediante o qual a natureza humana é apresentada: *Sobre o intelecto* e *Sobre as sensações*. Falar da natureza humana implica, na tradição atomista, falar daquilo que constitui sua identidade, daquilo que a singulariza, ou seja, de sua constituição psicofísica.

Um fragmento se destaca, no *corpus* dos testemunhos e fragmentos de Demócrito, quando se trata de compreender o nexos que liga o homem ao cosmo, fazendo derivar da cosmogonia a antropogonia. Trata-se de um conjunto de três narrativas, oriundas de três distintas fontes, apresentadas como os fragmentos B 5.1, 5.2 e 5.3 na edição de H. Diels e W. Kranz. Estas narrativas, além de constituírem uma fonte importante para a compreensão do processo cosmogônico, apresentam claramente o caráter radicalmente novo de que se reveste o desenrolar da história humana no pensamento atomista. Não nos encontramos mais no âmbito de uma narrativa em que o desenvolvimento humano seria obra divina, mas no âmbito de um processo em que o surgimento e o desenvolvimento da vida humana são devidos unicamente à necessidade e à conveniência.

Examinemos pelo menos um desses relatos tendo em vista dois pontos principais: (1) perceber a emergência do homem e da sociedade humana como um desdobramento natural daquele do universo, e (2) compreender de que modo, no âmbito desse processo, a ação humana, modificando a condição primária do homem, deixa transparecer um resíduo de indeterminação no caráter necessário de sua natureza, abrindo espaço para que ele intervenha na natureza do cosmo.

Das três narrativas³, ater-nos-emos àquela transmitida por Diodoro de Sicília em sua *Biblioteca Histórica*, certamente a mais antiga delas. Embora esta narrativa não escape de todo à contaminação de que foram objeto as outras duas⁴ e exija prudência da parte de quem a interpreta, pensamos ser possível extrair dela o esquema básico que distingue as diferentes etapas do processo cosmogônico. Como primeira etapa, a narrativa percorre o seguinte itinerário:

- I. No começo todas as coisas se encontravam confundidas em uma forma única, uma espécie de mistura;
- II. Os corpos se separam uns dos outros dando origem ao mundo tal como o conhecemos;
- III. O ar e a substância ígnea são lançados rumo às regiões superiores e formam um turbilhão que encerra o Sol e os outros astros;
- IV. Os elementos úmidos são lançados para baixo, dando origem, sucessivamente, ao mar e à terra lamacenta;
- V. Sob o efeito do fogo solar, a terra se condensa e dá origem a pústulas recobertas de uma fina membrana;

³ O fragmento DK 68 B 5 reúne três relatos próximos, porém distintos, de um mesmo processo. O primeiro deles devemos a Diodoro de Sicília, historiador, contemporâneo de César, sendo uma importante testemunha no que concerne à história das idéias. O segundo relato foi recortado da *Astronomia* de Hermipo, recopiada por Jean Catarrès, erudito bizantino de época tardia. O terceiro, enfim, nos foi conservado por Jean Tzétzes, erudito que viveu em Constantinopla no século XII, em um comentário a Hesíodo (ed. de Gaisford, *Poètes grecs mineurs*, III, 58).

⁴ Vale notar que os dois outros relatos sofreram modificações importantes com a mescla de elementos estranhos, quando não contraditórios, com a filosofia atomista. O relato recopiado por Jean Catarrès deixa entrever elementos do cristianismo como, por exemplo, sua alusão a um criador: "Ele cria primeiramente as potências do outro mundo e as potências deste mundo..." (DK 68 B 5.2) (Cf. Peixoto, 2000).

VI. A alternância de quente e frio faz com que elas cresçam, formem embriões e, uma vez atingida a maturidade, eclodam dando origem aos animais.

Um momento intermediário vai estabelecer uma mudança substancial no processo acima descrito: “Como a terra se torna cada vez mais sólida sob a ação do fogo solar e dos ventos, ela acaba por não estar mais em condição de dar vida aos grandes animais, embora esses continuem a se reproduzir por acasalamento” (DK 68 B 5.1).

Tendo como ponto de partida um estado de indeterminação, ao qual se segue um processo de separação, ele se desenrola sem recurso a nenhum princípio motor que não seja a necessidade que lhe é intrínseca. Este primeiro momento reflete o quadro em que se distingue, primeiramente, a formação dos corpos compostos mais simples, espontaneamente, ao qual sucede um processo crescente de autonomia e derivação.

Quanto ao aparecimento da espécie humana, ele se dá quando as pústulas que espontaneamente se formaram pela fermentação da terra lamacenta, sob efeito da alternância do calor diurno e do frio noturno, dão origem a embriões. Segundo L. Pepe, estas explicações sobre a origem da vida reproduzem, no plano biológico, aquelas mesmas que encontramos no âmbito da explicação do conjunto dos processos naturais: os mundos se formam graças à espontaneidade necessária dos átomos (*automaton*) que se agregam; em seguida, estas estruturas atômicas, produzidas em um primeiro momento segundo certas “leis”, desencadeiam os processos biológicos (Pepe, 1983, p. 26-27). Mas a parte que mais interessa à consideração do problema que nos interessa examinar nessa narrativa é aquela que se segue a esse primeiro movimento: quando a terra, tendo se tornado mais seca e dura pela ação do sol, não mais engendrou os grandes animais, esses começaram a se reproduzir por geração sexual.

A antropogonia democritiana, refratária às doutrinas que postulam uma origem divina do mundo, reconheceu na espontaneidade a lei necessária que preside às transformações sucessivas da matéria na geração e diversificação dos seres vivos.

A última etapa do processo então descrito discorre sobre como, pouco a pouco e gradativamente, os homens primitivos, graças à experiência e impelidos pela necessidade e conveniência, deram início à sociedade humana, desenvolvendo a linguagem e deflagrando o processo de constituição da cultura. Aqui encontramos uma radical diferença com relação às outras descrições do gênero, como, por exemplo, aquela do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo:

Não atribuas a orgulho ou arrogância o meu silêncio; rói-me o coração o arrependimento, quando me vejo assim ultrajado. Afinal, quem mais, senão eu, atribuiu cabalmente a esses novos deuses os seus privilégios? Mas essa queixa eu calo; para que dizê-lo a quem o sabe? Ouvi, porém as tribulações dos mortais; ouvi como, de parvos que eram, os tornei racionais e dotados de inteligência. Quero contá-lo, não porque tenha queixa da Humanidade, mas para demonstrar quão amistosas foram as minhas dádivas. Eles, antes, olhavam à toa, sem ver, escutavam sem ouvir; por toda a sua longa existência, tudo confundiam sem tino, como vultos vistos em sonho. Desconheciam casas de tijolos ensolaradas e não sabiam lavar a madeira; moravam sob a terra, como as ágeis formigas, no fundo sem sol das cavernas. Não conheciam nenhum sinal seguro do inverno, nem da primavera florida, nem do verão frutuoso. Tudo faziam sem saber, até quando lhes ensinei o nascer dos astros e seu obscuro poente. Inventei para eles o número, a suprema ciência, bem como a escrita que tudo recorda, arte mãe de toda cultura. [...] Mas dos bens ocultos aos homens no seio da terra, bronze, ferro, prata, ouro, quem pôde reclamar a descoberta antes de mim? Ninguém, eu tenho certeza, a menos que deseje se vangloriar à toa. Posso contar tudo resumido em breves palavras: todas as artes os mortais devem a Prometeu (v. 436-506).

No relato atribuído a Demócrito, os homens que levavam uma vida selvagem e desordenada, que se desenrolava no campo e não encontrava alimento senão nas

ervas e frutos selvagens, vivendo nus, sem abrigo e sem o fogo, ignorando as artes (*technai*), permanentemente expostos a toda sorte de perigos, estes homens foram, pouco a pouco, desenvolvendo as *technai* para fazer face às adversidades e para assegurar sua sobrevivência. Em lugar de uma dádiva divina, o desenvolvimento das artes lhes vem de um esforço pessoal sob o signo da necessidade, da experiência, e se dá gradualmente.

Sua voz era, num primeiro momento, indistinta e confusa; depois, pouco a pouco, eles começaram a articular as palavras e fizeram delas símbolos convencionais entre eles, próprios a designar cada objeto: eles se dotaram, assim, de um meio universal de comunicação do sentido. A presença de tais comunidades dispersas por toda a Terra habitada teve por efeito dar nascimento a dialetos todos diferentes, cada um constituindo ao acaso seu próprio vocabulário. Isso explica a existência de um tão grande número de línguas e o fato de ser destas primeiras comunidades que descendem todos os povos. Assim, os homens primitivos, não dispondo de nenhuma das invenções úteis à vida, levavam uma vida penosa, vivendo nus, sem casa, sem fogo, e sem cogitar minimamente em plantar do que se nutrir. E, como eles negligenciavam de colher os frutos selvagens e de fazer deles provisão para os tempos de falta, um grande número dentre eles pereciam, no inverno, de frio e de fome. Entretanto, instruídos pouco a pouco pela experiência, eles procuraram durante o inverno refúgio nas cavernas e recolheram os frutos suscetíveis de se conservar. O conhecimento do fogo e das outras invenções úteis dá início, pouco a pouco, à invenção das artes e de todas as técnicas suscetíveis de serem úteis à vida em comunidade. Pois, em suma, é a própria necessidade quem foi instrutora dos homens, servindo em cada ocasião de gênio familiar e de guia para este animal bem dotado pela natureza e que possuía como instrumento apto a toda coisa as mãos, uma linguagem e uma viva inteligência da alma (DK 68 B 5.1).

O esquema evolutivo compreende, pois, o reconhecimento da natureza animal do homem e sua predisposição à mudança. De condição, num primeiro tempo, inferior àquela dos outros animais, em virtude da fragilidade de sua natureza, os homens passavam, com o desenrolar dos acontecimentos e o acúmulo de experiências, por um processo de transformação. A natureza humana faz, assim, justiça a si mesma: frágeis e desprovidos de toda proteção natural, os homens dispunham, entretanto, de um meio para adquirir o que neles não se encontrava inato, a saber, o espírito, a inteligência para superar seus limites, desenvolver suas faculdades e intervir no curso dos acontecimentos, deixando entrever no interior deste processo sua relativa indeterminação e disposição à mudança.

Podemos resumir, assim, as etapas constitutivas desse processo: (1) a intervenção determinante da necessidade; (2) a aprendizagem e/ou invenção das artes (*technai*); (3) o desenvolvimento da reflexão e da linguagem. Essas três etapas vão de encontro a três das principais teses da filosofia democritiana: a necessidade preside ao processo cosmogônico; o homem é capaz de aprendizagem e, através dela, de modificar sua configuração original; a linguagem é uma invenção humana que resulta de uma convenção estabelecida entre os homens.

Encontramo-nos diante de uma espécie de inacabamento constitutivo que evidencia na natureza humana um de seus traços mais notáveis. Em outras palavras, é a sua fragilidade que o força a desenvolver-se e realizar plenamente sua condição, a efetivar suas potencialidades. Superando sua fragilidade, o homem participa da obra de sua própria geração. Como autocriador, como demiurgo da sua própria existência, faz de sua fraqueza sua força. Ele inventa artes, desenvolve e aperfeiçoa técnicas, em perfeita sintonia com a natureza em sua dimensão “autopoiética”: “Pois, com efeito,” escreve Demócrito, “a educação transforma o homem (*he didachê metarhysmoi tôn anthrôpon*), e essa transformação produz natureza (*metarhysmousa*)

de physiopoiei)” (DK 68 B 33). Este *metarrhythmizein* exprime o processo dinâmico dos átomos que têm, em razão de sua natureza, a predisposição ao movimento, o que lhes permite reordenarem-se em sempre novos compostos ou mudar de posição e ordem nos compostos em que se encontram.

Podemos dizer, então, que, se um determinismo existe neste processo, ele não é absoluto. Um resíduo de indeterminação possibilita, no caso da natureza humana, a intervenção no curso da natureza e a transformação de sua própria natureza. Tal reflexão coloca em evidência a evolução humana, o desenvolvimento da inteligência, dos meios de sobrevivência, enfim, da cultura. Do ponto de vista físico-biológico, a natureza humana se assemelha, em razão de sua constituição atômica, a tudo que existe no cosmo. Razão pela qual Demócrito não hesitou em considerá-la um microcosmo (DK 68 B 34). Mas ela pode, ainda, ser considerada como tal de um ponto de vista psicológico e sociológico, revelando-se ainda mais complexa.

Graças à sua capacidade de aprender com as experiências, de produzir os meios necessários à sua existência e, sobretudo, pela sua capacidade de reflexão, o homem difere, no seio da natureza, dos outros seres animados. A natureza humana não tem seu termo na morte dos indivíduos singulares, pois, enquanto a existência individual e singular é finita, o caráter coletivo de suas experiências e descobertas no âmbito de uma curta existência permanecem como patrimônio do conjunto da humanidade, reconfigurando-a no entrelaçar das muitas existências e histórias. A perspectiva histórica projeta o homem para além da duração de sua existência particular e torna possível uma evolução e uma infinita variação no seu modo de ser.

A originalidade da concepção democritiana se revela assim em toda sua força em face de seus predecessores e contemporâneos, sejam eles poetas ou filósofos. O homem está, desde então, em condição de ser senhor de sua própria existência ou, como dizia Nietzsche, “poeta de sua própria vida”.

Referências

- DIELS, H. 1952. *Die Fragmente der Vorsokratiker: Griechisch und Deutsch*. Herausgegeben von Walther Kranz. Zürich, Weidmann, 3 vols.
- ÉSQUILO, SÓFOCLES e EURÍPEDES. 2004. *Prometeu acorrentado, Ájax, Alceste*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 220 p.
- MOREL, P.-M. 2000. *Atome et nécessité: Démocrate, Épicure, Lucrèce*. Paris, PUF, 136 p. (Col. “Philosophies”).
- PEPE, L. 1983. La vita: una struttura che si riproduce. In: G. CASERTANO, *Demócrito: Dall’atomo alla città*. Napoli, Loffredo.
- PEIXOTO, M.C.D. 2000. *De la symmetrie du monde à la symmetrie de l’âme: Le rôle de la notion de mesure dans l’éthique de Démocrate*. Strasbourg, França. Tese de Doutorado. Université Marc Bloch – UMB, 418 p.